

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANO VINÍCIUS DE JESUS

**COTIDIANO DAS ESCOLAS DO BAIRRO JD. UNIÃO DA VITÓRIA
ASSOCIADO A IMAGEM DO NEGRO AO ESTIGMA DA POBREZA**

**CURITIBA
2015**

LUCIANO VINÍCIUS DE JESUS



COTIDIANO DAS ESCOLAS DO BAIRRO JD. UNIÃO DA VITÓRIA
ASSOCIADO A IMAGEM DO NEGRO AO ESTIGMA DA POBREZA

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização na educação para as relações étnico-raciais da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de especialização.

Orientador: Prof Ana Caroline Goulart

CURITIBA
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANO VINÍCIUS DE JESUS

COTIDIANO DAS ESCOLAS DO BAIRRO JD. UNIÃO DA VITÓRIA
ASSOCIADO A IMAGEM DO NEGRO AO ESTIGMA DA POBREZA

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista pela Universidade Federal do Paraná.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr./Ms.....

Departamento e Instituição onde atua o/a professor(a)
Presidente da Banca

Prof. Dr./Ms.....

Departamento e Instituição onde atua o/a professor(a)

Prof. Dr./Ms.....

Departamento e Instituição onde atua o/a professor(a)

Curitiba
2015

AGRADECIMENTOS

À Orientadora, Prof Ana Caroline Goulart, pela paciência e persistência.

A Universidade Federal do Paraná e seu Núcleo de Estudos ?

O pessoal da UEL?

Agradeço a todos que de alguma forma puderam contribuir com a elaboração deste trabalho.

Sou meio burrão nessa parte pode me ajudar?

RESUMO

O presente trabalho pretende pesquisar no espaço escolar, a visão de alunos do 9º ano sobre sua realidade social enquanto participantes de uma comunidade considerada socialmente vulnerável numa perspectiva de pobreza, criminalidade, moradias inadequadas, baixo autoestima. Trata-se da construção de um perfil do bairro União da Vitória, situado no município de Londrina, Paraná. A pesquisa foi realizada através da aplicação de atividades e observação com o objetivo de entender o quanto as crianças absorvem sobre estigmas e estereótipos que acabam internalizando por serem moradores do bairro. A visão destas crianças que de alguma forma lidam com estas questões ao se inter-relacionar dentro dos espaços sociais da cidade todos os dias, lidando com todas as questões relacionadas aos preconceitos, a falta de estrutura e atendimento de seu bairro. Esta pesquisa se propôs a investigar a reprodução de estereótipos pelos alunos enquanto participantes e agentes da continuidade de um processo de segregação do negro na sociedade

Palavras-chaves: Estereótipos, Preconceito, União da Vitória, Sociedade, Segregação

ABSTRACT

The present work aims to Search school space, one 9th grade Students Vision About YOUR social reality, while Participants A community Considered Socially vulnerable AN Perspective Poverty, crime, inadequate housing, Low self-esteem. It is the construction hum PROFILE União da Vitória district, located in Londrina, Paraná. The search was carried out through observation and application activities with entender Goal As for the Children absorb About stigmas and stereotypes What end up internalizing IN Being residents of the neighborhood. The vision of these children that somehow deal with these issues By interrelate Within the Social Spaces City every day, dealing with all issues related to how prejudice, lack of structure and care of his neighborhood. This search is proposed a To investigate the stereotypes Playback For the students as participants and agents of continuity hum black segregation process in society

Keywords: Stereotypes, Prejudice, “União da Vitória”, Segregation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa de distribuição da população negra na cidade de Londrina.....	17
Figura 2. Foto do autor do Bairro Jd. União da Vitória..	Erro! Indicador não definido..
Figura 3. Foto do autor do Bairro Jd. União da Vitória.....	21
Figura 4. Foto do autor do Bairro Jd. União da Vitória.....	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - Relato pessoal das experiências como professor	
1.1 - Entre a periferia e o centro da cidade.....	12.
1.2 – Conhecendo o bairro Jd União da Vitória.....	20
1.3- Conceitos que traduzem a realidade do bairro.....	23
CAPÍTULO 2 - A criança como herdeira social de seus pais	
2.1 - Caminhos que levam a frustração.....	27
2.2- Aplicação das atividades de pesquisa – montando os questionários.....	29
2.3 - Coletando os resultados - conhecendo a realidade.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

Quando observamos nossa história particular percebemos o quanto reproduzimos comportamentos herdados pelo convívio com nossos familiares e amigos, desde pequenos nossos pais se encarregam de nos educar de acordo com suas crenças e valores que também receberam de presente de nossos avós.

Nesta perspectiva podemos dizer que o “pacote” educativo se dá de formas distintas de acordo com características regionais, econômicas, culturais, que se tornam complexas à medida que procuramos compreender as particularidades de um grupo social.

“Em todos estes elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos de educação predominavam. A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que tem faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação de modo que podemos compreender a sequencia dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que tem autoridade sobre ela”
(MAUSS,2003 p.405)

Dentro deste conjunto de conhecimentos educativos podemos reproduzir valores que são incorporados como verdades sociais, estas afirmativas podem servir de ferramentas para subjugar uma classe social que passa a ser dominada e colocada a margem por conta de suas características econômicas e ou raciais.

Afirmamos que os valores externos à criança conduzem seus pensamentos de modo que esta passa pela educação e pela imitação a reproduzir valores e ações, principalmente numa sociedade educada pela mídia dentro de um processo de segregação onde a raça e condição econômica são reforçadas no sentido de haver uma predileção de um grupo sobre outro.

É papel da escola e do professor perceber a reprodução de valores alienantes e procurar meios para romper esse ciclo que acaba por colocar uma comunidade em condição social desfavorável frente a outras. A escola neste sentido deve ser uma ferramenta social importante para que esta, como instituição própria em lidar com a educação, possa caminhar rumo a igualdade de condições dos seres humanos.

Atuo como professor na rede pública de ensino desde 2006, e tive contato desde então às diversas realidades escolares, mas sem dúvidas das comunidades

onde trabalhei as Escolas do bairro União da Vitória foram as que mais me deixaram intrigado, as crianças traziam em suas atitudes a marca da inferioridade ou incapacidade frente a outras pessoas, somente por fazerem parte daquela comunidade.

Parte da realização desta pesquisa atuei na Escola Thiago Terra, também localizada no Bairro União da Vitória, zona sul de Londrina, de todas as escolas por onde passei, as localizadas neste bairro em particular, apresentam como característica crianças com uma carga de frustração frente a vida incomum em comparação a outros lugares onde lecionei. Dentro da minha prática docente vinha percebendo que na fala das crianças diversos problemas de ordem raciais e econômicas transpareciam e despontavam como uma oportunidade de pesquisa no intuito de traçar um panorama que servisse de alguma forma para dar início a um trabalho de conscientização e valorização da identidade desse grupo, objetivando uma possível mudança comportamental.

A criança está imersa no contexto social através de sua família, é esta célula seu primeiro contato social, responsável em apresentar o mundo em sua complexidade, permitindo a interação ao seu redor com valores e costumes obtidos. Analisar a forma de pensar e ver o mundo das podem servir de termômetro para conhecer os pensamentos de um dado grupo, sendo possível fazer o levantamento de como este grupo caminha para possíveis mudanças ou continuidades. Quais valores estão sendo reproduzidos?

Para tomar como parâmetro de reflexão optei por uma abordagem Histórico-cultural proposta Por Lev Semenovitch Vigotski (1991), que direciona seus esforços à natureza social do desenvolvimento psicológico da criança, pois esta se constrói nas relações sociais e não como seres únicos e independentes, portanto assim como Vigotski acredito que não há uma dicotomia entre o social e o individual.

Para Vigotski, a originalidade do desenvolvimento da criança reside no fato de que as funções naturais, regidas por mecanismos biológicos, e as funções culturais, regidas por leis históricas, fundem-se entre si, constituindo um sistema mais complexo. De um lado, as funções biológicas transformam-se sob a ação das funções culturais e, de outro lado, as funções de natureza culturais têm nas funções biológicas o suporte de que precisam para constituir-se. Em condições normais de desenvolvimento biológico, as funções culturais vão se constituindo seguindo um ritmo até mesmo previsível. (Pino, 2005)

Sendo assim a criança não nasce pronta, ela tem seus aspectos cognitivos trabalhados dentro de suas interações dentro das instituições responsáveis pelo processo de socialização. Compreender o meio e os aspectos que norteiam o ambiente social a que estão inseridas será de grande ajuda para planejar algumas ações frente a comunidade.

CAPÍTULO 1 – RELATO PESSOAL DAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSOR

1.1 - ENTRE A PERIFERIA E O CENTRO DA CIDADE

Uma vez que me percebi como professor da rede estadual com alguma experiência, já havia caminhado por muitas escolas em diversas localidades dentro de Londrina na condição de professor PSS (Processo Seletivo Simplificado – contrato temporário), o que me forçava constantemente a mudar de escola. Desde o início, em 2006, até o presente momento, 2015, construí diversos panoramas relacionados às comunidades onde atuei, fazendo com que percebesse o quanto a comunidade do União da Vitória merecia uma atenção especial em comparação ao resto da cidade.

A primeira vez que tive contato com uma escola na condição de professor também foi a primeira vez que entrava em contato com o Jd União da Vitória, é importante salientar que Londrina não é minha cidade natal e que minha estadia ali era por conta da universidade, e portanto pouco conhecia sobre a realidade da cidade. Tudo se apresentava como novo aos meus olhos na ocasião.

Lembro que acabei assumindo as aulas, pois tinha acabado de fechar meu ateliê de desenho e pintura e estava em plena construção da minha casa e precisava de um salário fixo que suprisse meu recente endividamento. Confesso que este endividamento tenha sido crucial para que na ocasião eu seguisse em frente com minha carreira de professor, uma vez que os primeiros contatos foram bastante truculentos e distantes da minha realidade, ou seja, pela falta de experiência poderia ter generalizado a condição de professor àquela esfera, e com a dificuldade inicial em lidar com as questões sociais ali apresentadas eu certamente teria desistido facilmente da profissão. O que muitos acabam fazendo quando se vêm na mesma situação.

Atualmente faço muitas reflexões de como tudo aconteceu e me pego pensando em como precisei ser “enganado” para escolher aulas que eram rejeitadas por quem conhecia a realidade do bairro, talvez se não tivesse sido assim os alunos ainda estariam sem professor ou o teriam apenas por um decreto.

Da mesma forma que as informações não eram muito claras ao assumir as aulas, ao entrar nos portões do colégio as informações chegavam antes de qualquer questionamento, como quem espera a esposa para dar a notícia de que agora está viúva. Ocorria todo um movimento entre professores e alunos no sentido de apresentar o território, ampliando suas características como um desafio de intimidação e de imposição de algo que transpunha até a própria realidade.

Eram comuns certas piadas por partes dos professores, que faziam menções aos sequestros, roubos por partes dos alunos, coisas do tipo. Os alunos usavam suas gírias e palavreados mais atuais, queriam contar histórias criminosas, quando não contavam nada o próprio comportamento de ignorar a presença do professor enquanto autoridade dentro da sala de aula saindo sem autorização, manifestava uma postura quase teatral de se apresentar.

Como já disse, não podia abandonar as aulas, então me mantive de pé e em frente. Percebi que aos poucos a aceitação por parte dos alunos me mostrava o quanto aquele primeiro contato era uma máscara, que aos poucos ia caindo deixando à mostra crianças que no fundo queriam uma aproximação, tamanha as carências presentes no cotidiano da maioria deles.

Conforme preparava minhas primeiras aulas nem imaginava o quanto elas seriam melhoradas ao longo de minha jornada, embora fossem aulas simples, havia uma dificuldade muito grande por parte dos alunos, e como havia me formado há pouco tempo queria fazer tudo como havia aprendido e tinha como principal objetivo cumprir a lista de conteúdos colocados no planejamento, seguindo as diretrizes curriculares da época.

Encerrou o primeiro bimestre com 80% das notas abaixo da média, e fui chamado pela equipe pedagógica para saber o que havia acontecido. Lembro-me de estar na sala da direção cercado por duas pedagogas e a diretora do colégio que de alguma forma me culpava pelo baixo rendimento dos alunos, mesmo dizendo que eu havia feito revisões, correções de questionários no quadro negro e que mesmo assim os alunos pareciam não se importar em estudar, mas os olhares me diziam que a culpa era minha, mesmo que eu tivesse mil argumentos.

Deixei a sala da direção sem saber exatamente o que havia acontecido até conversar com alguns professores mais experientes que me explicaram que eu deveria baixar o nível das exigências, uma vez que ali não adiantava querer trabalhar como em outros lugares, pois os alunos e professores não tinham incentivo

para que produzissem uma transformação verdadeira, já que mexeria demais com a vida dos moradores e com a vida dos próprios professores, demandando uma carga transformadora muito além de um problema educacional, restando para escola apenas o papel de “remendar” deixando de fazer o seu papel original que é o de ensinar.

Somente com a experiência pude perceber, que mesmo que a escola pressione o professor para que consiga manter boas notas das suas turmas, o fato é que isso se torna muito difícil com relação aos alunos do Bairro do União, para eles pouco importa se aprendem ou não, porque não contam com o apoio familiar já que a baixa escolaridade e a desvalorização do intelecto por parte da família dos alunos é um fato. Para a maioria se pudessem escolher entre arrumar uma vaga na escola ou um emprego para seus filhos, a segunda opção seria sem dúvida nenhuma, a escolhida.

O perfil traçado por mim pelo contato com os alunos na sala através do cotidiano escolar, mostra que as famílias do União em sua maioria são bastante pobres e trazem a marca de longas jornadas de trabalho, muitos não têm o pai e a mãe sobre o mesmo teto, muitos são criados por parentes como tios ou avós, há aqueles que têm os pais presos ou ainda mortos em uma vida escolhida no crime.

Embora não consigam valorizar adequadamente o aprendizado metodológico das disciplinas ensinadas, a escola como instituição é muito importante para o bairro do União da Vitória e muitas vezes a melhor coisa que podem dar aos seus filhos no sentido de serem educados para a sociedade. A escola é o espaço onde podem entrar em contato com um mundo diferente da realidade do bairro e ainda que, aparentemente de forma mínima, muitos conseguem diminuir a condição de pobreza na qual parecem estar condicionados.

Há casos extremos de alunos que se alimentavam apenas na escola, ainda hoje ocorre um lanche na entrada da aula como forma de melhorar o aprendizado. Não foram raras as vezes em que encaminhei alunos que estavam “passando mal”, quando na verdade precisavam apenas comer após um fim de semana à própria sorte.

Uma vez estando em contato real com os alunos, fazendo parte da aceitação enquanto membro de alguma forma de sua comunidade é que aos poucos pude me tornar de fato um professor para eles. Para isso precisei fazer uma escolha decisiva entre duas opções, eu deveria escolher entre a fácil caminhada de ensinar

o mínimo e cobrar o mínimo ou estabelecer um vínculo afetivo no qual pudesse ajudá-los de alguma forma a superar sua condição social.

Apreendi uma metodologia diferente para trabalhar no União da Vitória, realmente a nota não combinava com a realidade que eu havia conhecido de início, não fazia sentido apenas fazê-los decorar coisas distantes de sua vida. As atividades deveriam ser transformadoras, era necessário algo que as crianças que estudavam na região central não precisavam, pois para elas a nota poderia satisfazê-las.

Antes de ensinar qualquer conteúdo da matéria de Arte, primeiro precisaria estabelecer vínculos com sua realidade para que tivessem um sentido concreto dentro de suas vidas. Percebi que minhas aulas não deveriam mais concentrar-se em coisas abstratas como a nota, mas no sentido de formar pessoas mais conscientes de sua realidade.

Os alunos que chegam às escolas do União são alunos com baixa autoestima, sem perspectiva de uma vida acadêmica ou uma profissão que exija um maior esforço para alcançá-la, no geral os alunos do União não têm base familiar que lhes permitam ser persistentes ou ainda possam se esforçar para conquistar alguma coisa. São raras as exceções, cansei de ouvir minha diretora atual falar que não havia exemplos para que as crianças pudessem sair dessa situação, “como vão querer fazer uma faculdade se seus pais nem sequer sabem ler”.

Em conjunto com os conteúdos de arte passei a apresentar conteúdos secundários no intuito de minimizar certas carências como falta de iniciativa, ou uma ideia de se ter uma “cultura do bem”, ou ainda estimular a criatividade, pois muitos preferiam a cópia a criação de algo mais individual, entre outros.

Através dessa combinação de saberes percebi que tinham dificuldade em trabalhar coisas que tivessem como ponto de partida sua individualidade, relutando muito na ideia de criar algo original, preferindo a cópia como um meio de expressão quase que uma atitude de comodismo.

Quando comparo minha atuação como professor na região central com a experiência em trabalhar na zona sul percebo o quanto os alunos do União da Vitória precisam ser trabalhados no sentido de vencer uma série de dificuldades de diversas ordens, familiar, econômicas, sociais, entre outros. Enquanto os alunos das regiões centrais de Londrina em sua maioria se preocupam com os conteúdos

específicos a cada disciplina, os alunos do bairro do União parecem dar outro sentido a escola, bem diferente do sentido original ao qual estas foram pensadas¹

A escola para criança do União da Vitória satisfaz suas necessidades primeiras como a alimentação, para numa ordem de importância ganhar o convívio de seus amigos, para um terceiro momento ser o lugar de aprender.

Quando comparamos as escolas entre a área central da cidade e as escolas do bairro, percebemos que o número de pessoas negras e descendentes aumenta consideravelmente ao ponto de termos de um a três negros por sala na área central enquanto que muitas vezes o número de negros no União da Vitória passa da metade do número de brancos, portanto ao analisar a tabela abaixo retirada da Secretaria Municipal de Planejamento de Londrina conseguimos imaginar que boa parte da população negra concentra-se nas periferias, comparando o número de negros aos brancos no total.

Tabela 6.1.3 - Distribuição Percentual da População Residente, segundo Cor ou Raça no Município de Londrina e Distritos – 2010

MUNICÍPIO / LOCALIDADE	POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO COR OU RAÇA (%)											
	Branca		Preta		Parda		Amarela		Indígena		Sem Declaração	
	Nº de hab.	%	Nº de hab.	%	Nº de hab.	%	Nº de hab.	%	Nº de hab.	%	Nº de hab.	%
Londrina-Sede	345 965	70,67	21 000	4,29	104 817	21,41	17 176	3,51	582	0,12	5	0,00
Guaravera	2 177	55,32	126	3,20	1 520	38,63	110	2,80	2	0,05	-	-
Irerê	1 187	51,23	207	8,93	918	39,62	5	0,22	-	-	-	-
Lerrovile	2 684	71,10	98	2,60	925	24,50	57	1,51	11	0,29	-	-
Maravilha	640	64,91	19	1,93	293	29,72	32	3,25	2	0,20	-	-
Paiquerê	1 856	61,97	263	8,78	824	27,51	41	1,37	11	0,37	-	-
São Luiz	952	59,76	43	2,70	579	36,35	17	1,07	2	0,13	-	-
Warta	1 081	69,52	35	2,25	429	27,59	10	0,64	-	-	-	-
Londrina Total	356 542	70,37	21 791	4,30	110 305	21,77	17 448	3,44	610	0,12	5	0,00

Fontes: IBGE – Censo 2010 – Universo – Características da População e Domicílios.

IPARDES – Anuário Estatístico 2010.

Organização dos dados: PML/SMPOT/DP/Gerência de Pesquisas e Informações.

As figuras abaixo, figura 1 ilustra a distribuição da população negra no território do município de, quando cruzamos este mapa com a figura 2 constatamos as afirmações à cima, provando que o Jd. União da Vitória é um espaço onde o negro se estabeleceu ao longo da história local.

¹ A escola deveria priorizar a questão do estudo sistemático dos saberes acumulados pelo homem ao longo de sua história.

Distribuição da população negra, por aeds
Londrina
2000

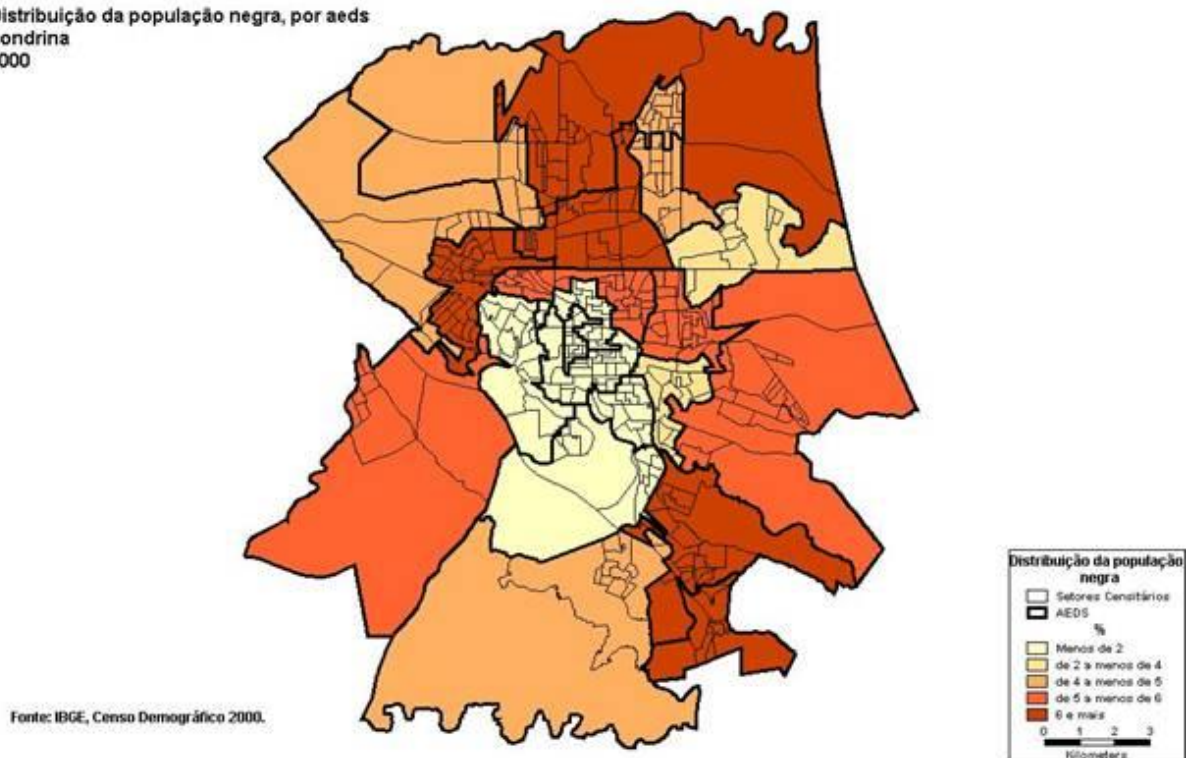


FIGURA 1 MAPA DE CONCENTRAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA EM LONDRINA
FONTE:REVISTA ESPAÇO ACADEMICO, NUMERO 82



FIGURA 2 MAPA DE ORGANIZAÇÃO DOS BAIRROS DE LONDRINA
FONTE:ATLAS URBANO AMBIENTAL DE LONDRINA - 2009

Tive a oportunidade de ser professor em três colégios do Bairro do União da Vitória, Colégio Estadual Rina Francovig, Colégio Estadual Carlos Mungo e Colégio Estadual Thiago Terra, colégios estes que atendem praticamente a mesma comunidade, sendo comum aos alunos a alternância de suas matrículas nestas três instituições².

Quando assumi as aulas na Escola Rina ao mesmo tempo trabalhei no colégio Carlos Mungo, ambas no bairro Jamile Dequech, a realidade de lá era muito parecida, embora seja um bairro vizinho ao do União da Vitória, conta praticamente com os mesmos problemas relacionados a segregação.

Realmente os primeiros contatos com a realidade das escolas não foram muito fáceis, estava entrando em uma nova realidade permeada por uma série de dificuldades familiares e econômicas e os comentários dos professores mais velhos davam o pano de fundo de que eu estava entrando em um terreno perigoso, sem estrutura básica, e que eu já era o 3º professor de Arte a assumir as aulas, a última professora havia “durado” uma semana.

Quando conclui o ano de 2006 tive a oportunidade de conhecer novas realidades, no ano letivo seguinte, acabei dando aulas em outras regiões da cidade e pude finalmente perceber que o terreno onde havia pisado pela primeira vez era bem diferente da realidade de outras escolas.

Ainda como PSS conheci o colégio Thiago Terra, em 2010, com um pouco mais de experiência como professor, voltava ao bairro do União. O colégio Thiago Terra permite uma visão ampla do bairro por estar construído numa área bem localizada em relação ao restante do bairro, como se este estivesse no “topo”.

Nesta oportunidade tive uma experiência muito mais próxima da vida cotidiana dos alunos, já que eu percorria grande parte do bairro até chegar à escola, podendo ter um contato mais direto com sua realidade social e geográfica, enquanto que nos outros colégios, por estarem localizados no início do bairro, o deslocamento era praticamente feito pelos alunos e pouco víamos sobre suas moradias.

Nesta curta oportunidade pude rever alunos que haviam estado em minhas primeiras turmas no colégio Rina e ver que haviam crescido e se tornado adolescentes, muitos haviam ingressado ao mercado de trabalho, outros

² Ainda existe uma porcentagem pequena de alunos do bairro que procuram colégios como Albino Feijó (parque das Indústrias) e Vani Ruiz Viessa (bairro do São Lourenço), colégios localizados nos bairros vizinhos ao União da Vitória.

abandonaram os estudos por algum tempo, outros ainda foram presos por algum crime, ou ainda mortos por envolvimento no tráfico de drogas.

A possibilidade de observar esta “cápsula do tempo” ajudou a construir a gama da sorte que os moradores do Jd. União da Vitória tem no percurso de suas colocações na área profissional ou na continuidade de seus estudos.

Poucos alunos pareciam trilhar uma carreira que os levassem realmente a continuar seus estudos para uma carreira universitária ou algum sonho que lhes permitissem uma vida mais realizada. Trilhavam o inevitável largando a escola pelo cansaço de trabalharem em empregos imediatos como repositores de mercado, lavadores de carro, serventes da construção civil.

Neste ano acabei ficando apenas até as férias de Julho, mas a qualidade com que consegui me relacionar com os alunos dado a compreensão do território que agora retornava dava margem para evitar qualquer gafe da minha parte na hora de planejar as minhas aulas.

Em 2013 fiz o caminho de volta, assumindo meu concurso, acabei fixando meu padrão no colégio Thiago Terra onde frases como “você fez falta professor” vieram como um incentivo necessário, para a luta que havia particularmente assumido, procurando contribuir da melhor forma para que aquelas crianças pudessem ter uma sorte semelhante a qualquer criança desta cidade.

Minha escolha em fixar meu padrão na escola foi a possibilidade de ser mais útil, ao comparar com outras realidades que havia participado, percebi que no Thiago Terra poderia ser mais útil pelo meu perfil para desenrolar um trabalho que fosse mais necessário socialmente.

Através deste trabalho de pesquisa tenho mais uma vez a oportunidade de olhar para meus alunos e aprender, o presente trabalho torna-se para mim, desde seu projeto, a tentativa de averiguar como ocorre o sentimento de inferioridade que cerca estas pessoas, que as impede de querer e sonhar para além de sua condição. O objetivo não é apontar o foco de tal contaminação, mas de apresentar o fato e propor uma possível mudança.

1.2 – CONHECENDO O BAIRRO JD. UNIÃO DA VITÓRIA

No sentido de fazer conhecer o Bairro União da Vitória é necessário compreender que a constituição do bairro se deu de forma irregular através de invasões que deram início entre 1940 e 1950 inspirados por uma série de propagandas encomendadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná que diziam ser aqui terras promissoras fazendo com que a população da cidade de Londrina saltasse de 23,7 mil habitantes na área urbana para 230,7 mil pessoas (Nestor Razente , 2011 apud Mariana Panta)

A forma com que os novos habitantes tiveram que lidar com suas moradias estavam diretamente relacionadas ao poder aquisitivo que possuíam, se estes tivessem algum bem ou dinheiro ocupavam o que se consideravam a cidade, cabendo aos que tinham poucos recursos buscar as periferias através de ocupações e invasões.

Em agosto de 1985 iniciava o maior assentamento urbano de Londrina, o Jd União da Vitória, com 15 famílias advindas de zonas rurais e parte da favela “Okay” iniciaram uma luta de resistência ao invadir um terreno da COHAB, mesmo sobre forte pressão de reintegração de posse conseguiram se estabelecer.

Trata se de uma localidade onde as pessoas vivem de forma precária em um território íngreme, onde em alguns trechos tem ruas de terra, outros apenas caminhos improvisados em meio a matagais, moradias precárias, esgotos cruzam ruas e animais soltos dão um toque único ao lugar.



FIGURA 3 UNIÃO DA VITÓRIA I
FONTE:O AUTOR, 2014



FIGURA 4 UNIÃO DA VITÓRIA I
FONTE:O AUTOR, 2014

O Bairro localiza-se na região sul de Londrina e é marcado pelo baixo prestígio social em comparação ao restante da cidade, abriga boa parte da população negra da cidade, não há infraestrutura adequada, não há facilidades para que ocorram o acesso pertinentes a utilização dos bens e serviços que a cidade possa oferecer por conta ainda da distancia que este bairro está do centro da cidade. O Bairro ainda conta com um alto índice de criminalidade o que foi necessário implantar a primeira UPS (Unidade Paraná Seguro) da cidade (SOUZA, 2014, p 61).

Quando os indivíduos se inter-relacionam com os membros de sua localidade, estes tratam de estabelecer mutuamente sua identidade a partir da necessidade de reivindicar, ou tornarem-se mais visíveis dentro do contexto maior, tornando a sua realidade mais aparente. Desta forma, se configuram como um grupo, capazes de se estabelecerem pela semelhanças e diferenças (NOVAES, 1993, p 25). Quando ocorre esta comunhão entre pessoas na mesma condição, os dados que são partilhados passam a fazer parte da mesma realidade sendo reproduzida no dia a dia de todos “Assim, o homem está em constante construir-se, bem como a sociedade que o constrói e o meio no qual está inserido” (ELIAS, 1994 apud Souza).

Através destas interações sociais é construída a identidade do morador do bairro do União, pela luta diária e as dificuldades em comum este se organizam em associações de bairro para lutarem por seus direitos, sendo comum protestos organizados por estes grupos de moradores sempre que precisam reivindicar alguma situação, como ocorreu quando precisaram de uma passarela, ou quando fecharam o bairro por conta de um atropelamento ocorrido pela falta de quebra molas na avenida de ligação do centro ao bairro, etc.

Falar sobre as organizações do bairro não é o foco deste trabalho, mas é importante cita-las, por se tratar da forma como o morador estabeleceu um modo de resistência e luta, essas associações tiveram início oficial em 1989 e em 1990 registram seu estatuto, por volta de outubro de 1995, ocorre a formação da primeira organização do Bairro União da Vitória, o Conselho de Entidades do União da Vitória (CEU) no intuito de atuarem politicamente dentro das reivindicações necessárias a comunidade (SILVA, 1998, p 104).

A organização dos moradores enquanto a problemática da vida cotidiana e a luta pela igualdade e que Milton Santos(1987:17) chamou de “modelo cívico” que são formados pela somatória de cultura e território, tal modelo é criado estabelecendo um desejo comum do que se espera para vida de todos os membros participantes da comunidade, do indivíduo enquanto ser social.

Assim estas associações têm um papel muito importante nas poucas conquistas que o bairro obteve ao longo de sua existência. Apesar de todo esforço no dia a dia da cidade de Londrina, ao longo das décadas de sua formação o bairro sofreu um processo de estigmatização, sendo vinculado a um reduto de criminosos, desocupados, traficantes de drogas, etc. Sobre tudo associa a imagem do negro as questões da pobreza e a marginalidade uma vez que o negro encontra-se historicamente segregado a bairros como o União da Vitória.

Estes estereótipos periodicamente são reforçados pelos telejornais e mídias impressas locais, embora realmente se trate de um bairro com histórico de violência a generalização de seu morador ao criminoso tornou-se uma prática constante. Em uma dissertação intitulada “Sociabilidade e território: o cotidiano do negro em Londrina-PR”, SOUZA (2012), entrevista alguns moradores que dizem sofrer por conta disso, até mesmo a perda de alguns trabalhos ao saber que moram em tal região, temendo serem roubados os clientes acabam por cancelar os serviços de moradores destes bairros. Em outras palavras:

A percepção sobre determinados bairros, como violentos, leva a exclusões imediatas, fechando também as possibilidades de trabalho. A distinção entre ser honesto ou marginal é simplificada e está relacionada ao local de moradia, de maneira que uma sociedade excludente classifica como "marginais" os pobres(...) Na verdade, a mídia acaba criando uma resistência da sociedade para com os jovens de periferia. Cria um paradigma em que esse jovem é qualificado como um marginal por não ter condição social de andar bem-arrumado. Então a sua pequena tatuagem, o

seu short, o seu brinco, a sua condição de ser negro, por exemplo, já há uma discriminação terrível, que se torna muitas vezes um critério de avaliação, se o jovem é bandido ou não. (CASTRO, Mary Garcia ; ABRAMOVAY, Miriam, 2002, p 158, apud Souza)

O fato é que o União da Vitória está muito distante de uma realidade com condições e estruturas básicas para atender as necessidades da comunidade do bairro. A realidade cívica em primeiro lugar é estabelecida por uma cultura alienante onde o fator econômico se dá em primeiríssimo lugar esquecendo o lado humano e cidadão. Os moradores levam suas vidas como algo imutável carregando a marca da pobreza e da cor da sua pele aceitando uma condição desfavorável como sendo normal.

“ A urbanização fundada no consumo é, também, a matriz de um combate entre a cultura popular que desertava as classes médias para ir se abrigar nos bairros pobres, cultura popular hoje defendida pelos pobres, cuja pobreza impede, afinal, sua completa imersão nessas novas formas de vida, fundadas pelo mesmo consumo que os levou os pobres às cidades ou nesta fez pobres os que ainda não o eram” (SANTOS 2007p 29).

A pobreza e a desigualdade social é compartilhada pelos que vivem no bairro e passam a assumir a identidade como grupo, sendo parte em várias esferas de comportamento que são ditadas por uma regra alienante pautado no consumo. Milton Santos (2007 p. 25) explica que as pessoas passam a ser tratadas de acordo com seu poder aquisitivo, deixando de ser um cidadão com seus plenos direitos cívicos para serem tratados segundo o que podem pagar, recebendo o tratamento que este chamou de “usuários”.

Os moradores assumem a condição de usuários e levam suas vidas a margem de uma cidade que recebe de braços abertos em funções de menos prestígio e assiste de longe os prédios sendo construídos nos bairros nobres como quem assiste a distância uma realidade inatingível.

1.3 - CONCEITOS QUE TRADUZEM A REALIDADE DO BAIRRO

É preciso levantar alguns conceitos que vão auxiliar no entendimento das ideias debatidas dentro deste trabalho, fundamentar o panorama que afligem o bairro de forma ter clareza da linha teórica sobre alguns conceitos a serem

trabalhados. O trabalho discute o que é estereótipo e ao falar sobre este termo estamos, portanto, tratando de um pré-julgamento trazido pelo observador acerca de um grupo ou pessoa.

O enfoque da instalação do estereótipo observa que pessoas, inicialmente, imaginam e definem o mundo e em seguida o observam. A interpretação estaria fundamentalmente associada à cultura, que determinaria de forma estereotipada a noção interna sobre o mundo externo. Assim, já haveria uma opinião formada, de acordo com os códigos da cultura, para se analisar o mundo antes mesmo de observá-lo. O mundo estaria ordenado por códigos, passados de geração a geração, favorecendo a estereotipia, que por função defenderia as tradições culturais e posições sociais. (PEREIRA, 2002,sp)

O estereótipo carrega o ônus de marcar de alguma forma pessoas ou grupos através de traços mais marcantes que possam trazer a especificidade de uma pessoa ou grupo através da ótica unilateral. Esta interpretação pode vir carregada de elementos construídos pela forma como a pessoa vivenciou e escutou relatos em sua formação.

Segundo Pereira, 2002 os estereótipos são capazes de permitir acesso ou negar acessos as pessoas estereotipadas, tal estereótipo parece ser enraizado nos moradores do Bairro no qual recebe uma carga extra ao observarmos o contexto racial em que o negro enfrenta no Brasil.

A segregação do “Negro” é sutil e dissimulada, pois ele é confinado ao que os antigos líderes dos movimentos negros de São Paulo chamavam de “porões da Sociedade” (Fernandes 1972), não apenas nas condições territoriais, mas nas condições de trabalho e utilização dos meios materiais para sua vida.

Os que pensam que há algum fundo de veracidade nas expectativas e estereótipos que justificam as atitudes, as orientações de comportamento e as avaliações sociais dos “brancos”, provavelmente procuram nos elementos ancestrais da cultura e do comportamento do negro uma explicação para o seu “fracasso” ou para o malogro do “protesto negro”. (FERNANDES, p.12, 1972)

A condição estereotipada do morador do Bairro do União da Vitória agrava e dificulta sua vida frente as atribulações do seu dia a dia, havendo uma barreira que lhe permite ascender-se economicamente e socialmente dentro da sociedade londrinense.

Fica difícil romper com a construção de estereótipos que são todos os dias reforçados pelos moradores e familiares, bem como pela mídia que refere-se ao

bairro enquanto reduto de “marginais” e “pessoas mal sucedidas”. Os altos índices de violência reforçam a imagem “ruim” dos moradores.

Os moradores do Bairro União da Vitória carregam no inconsciente da cidade o estereótipo de pessoas pobres e faveladas, e não importa para onde vão dentro da cidade carregam este estigma.

Importante discutir o conceito de cultura trazido à tona pelo teórico Geertz (1989, p. 10) que explica como a cultura é algo construído coletivamente sendo um verdadeiro jogo mental que explicita os códigos de conduta e entendimento, como o próprio autor usa de exemplo, mesmo que em algo tão simples como o ato de piscar, precisamos conhecer estes códigos, pois neste ato (piscar) podem carregar uma série de intensões, passando a ser algo que permeia a simples necessidade de lubrificar os olhos até mesmo um sinal de comunicação entre o grupo. O fato é que a cultura é compreendida como uma construção mental que estabelecem regras de convívio e permitem estabelecer limites e formas de conduta marcando o diferencial de um grupo em relação a outros.

Quando nos inteiramos de tais códigos passamos a intender o modo como as pessoas se relacionam e esperam de suas vidas estando estas dentro de um grupo, constroem padrões de comportamento dentro de pequenas ações aparentemente corriqueiras, que passam muitas vezes despercebidas, e que podem causar estranheza quando visto de outras culturas distantes.

O conhecimento sobre uma determinada cultura permite dar o acesso ao jogo simbólico e estabelecer o vínculo comunicativo entre os membros desta cultura podendo assim conversar e permear o mundo conceitual que envolve as pessoas.

O Conceito de identidade se da a partir da construção pessoal de cada ser em sua história particular dentro das relações culturais que se insere, assim este indivíduo assume uma postura frente a realidade podendo se perceber enquanto agente de um processo contínuo de auto formação. Este indivíduo se faz através da seleção de símbolos que julga serem importantes.

Memória, identidade e história apresentam-se em um processo de interação e construção: a memória constitui a identidade, à medida que reforça através de lembranças a unidade e continuidade do si mesmo ou o sentimento de pertencimento a um grupo; ao mesmo tempo, ela é constituída pela identidade, uma vez que o processo de identificação agirá

na seleção e configuração dos episódios a serem lembrados, reordenando-os em uma nova história (BAUER, apud DE LIMA ,p98 2008).

Quando os conceitos de cultura e identidade são colocados dentro de um espaço em específicos chegamos à ideia de um conceito de território, estabelecendo a relação direta entre a identidade do indivíduo com o local e a cultura ali estabelecida. É necessário que o indivíduo se sinta parte do local onde passa a tomar como posse, pois a pessoa passa a assumir a cultura local e os símbolos que permeiam sua história pessoal a história local. (DE LIMA, p. 105, 2008)

Neste sentido o Território é carregado de símbolos e sentidos necessários ao exercício da cultura e da formação da identidade de cada pessoa, que estabelece vínculos afetivos e simbólicos necessários a sua colocação dentro de uma comunidade em específico, sendo reconhecido dentro do convívio comum enquanto portador de uma identidade historicamente construída.

CAPITULO 2 - A CRIANÇA COMO HERDEIRA SOCIAL DE SEUS PAIS

2.1 – CAMINHOS QUE LEVAM A FRUSTRAÇÃO

Em minha prática docente fica evidente o quanto a estima das crianças e adolescentes apresentam se alterada por conta das relações de convívio com a realidade apresentada até aqui. As crianças recebem de seus pais e sentem na própria pele os processos de segregação do negro confinados num espaço de desaprovação social, estes crescem compreendendo a sorte de seus destinos como se este fosse algo imutável.

Quando ouço as crianças falarem sobre o bairro em que vivem, demonstravam, ainda que em tom de brincadeira, certo peso e frustração, no sentido de morarem num bairro pobre, sofrendo diretamente processo de segregação e com o agravante quando vem junto com a discriminação racial.

Pensando nos aspectos levantados por Vigotsky o meio em que as crianças estão inseridas contribuem para formar a ideia de quem são em relação ao resto da cidade e neste sentido parecem estar escolhendo serem inferiores aos demais moradores da cidade.

Tal pensamento pode estar contribuindo para que não ocorra o desejo de buscarem melhores condições de vida, assumem uma vida passiva com cargos e funções muitas vezes mal remuneradas, sofrendo com injustiças e a falta de direitos básicos.

A criança se desenvolve com uma expectativa de um futuro de pouca sorte tendo que carregar em seu dia-a-dia o estereótipo sobre o olhar do resto da cidade, sendo visto pelos outros como um pequeno marginal, ou alguém cujo futuro e o presente são de pouca sorte.

A carga depositada neste sentido molda o crescimento destes jovens que muitas vezes retribuem a altura, pois passa a eles próprios se perceberem enquanto menos prestigiados dentro do todo da cidade.

Como Fernandes(1972) diz estão a mercê dos “brancos” que de alguma forma tentam justificar o “fracasso” social do negro, como se estas crianças pudessem despertar sozinhas de uma realidade tão firmemente posta e como mágica buscarem uma reação de crescimento social.

É importante ressaltar o quão é difícil vencer os paradigmas construídos em nossa infância, quantos de nós ao observar um par de chinelos virados não os desviram com medo das histórias contadas por nossos pais e avós? Nesta simples ilustração podemos argumentar o quanto estas crianças recebem de estímulos sociais no sentido de se perceberem enquanto herdeiros de uma condição social estigmatizada.

Tanto o morador do bairro do jd. União da Vitória quanto os que moram em outras regiões da cidade crescem recebendo as informações relacionadas a prática do pré-conceito negativo, fazendo com que tudo pareça um ciclo inquebrável, negando as oportunidades nas primeiras dificuldades que as crianças do União da Vitória vir a apresentar.

Comum o relato de perderem seus empregos de modo fácil, ficando claro a exclusão ou a pouca chance que o jovem estigmatizado recebe pelos simples fato de residir neste bairro. O empregador passa a ver alguém desqualificado como se já os conhecessem, pré-determinando a possibilidade de terem problemas de diversas ordens ao empregar ou manter empregado este jovem.

Logo aquele que é visto como “menos capaz” estando frente a dificuldade, se lembrará que não é de sua constituição “ser capaz”, passando a desistir facilmente, quando levamos este problema para o âmbito escolar o ato corriqueiro de realizar das tarefas específicas do estudo sistematizado passa a ser algo quase impossível, pois o aluno se bloqueia, fazendo com que abandonem os estudos ou os faça sem empenho. Este movimento reafirma a manutenção do estado posto de geração a geração.

A criança cresce dentro de uma cultura local onde os elementos que identificam os moradores do bairro ligam-se aos moldes criminosos, ou a influencias de pessoas com baixa escolaridade, pessoas que acostumaram acontentar se com uma vida sem ambições, ou até mesmo a um molde de revolta associada a

frustração, estes exemplos e outros fazem com que qualquer esboço de mudança seja visto como algo inatingível.

Quando nos damos conta que o negro está a mercê de uma ordem pautada pela meritocracia Forestan (1972) discute o quanto existe a dificuldade do negro em se colocar nesta sociedade de forma que este possa ter as mesmas condições, que de alguma forma em sua jornada pós-escravidão, não tratou de inserir o negro na sociedade e o deixou a margem, vemos o quanto esta verdadeira afirmação do autor continua sendo presente, e ainda de forma tão agressiva que tira a possibilidade de sonhar uma vida diferente das crianças que estão imersas nesta cultura.

Na sequencia apresentarei a pesquisa onde a criança será o foco de um questionário, que servirá para apresentar como e com que força as influências do mundo adulto estão atingindo sua formação. Em que medida está reproduzindo as injustiças sociais, colocando se dentro de um estereótipo e fazendo com que num futuro próximo continue prevalecendo um grupo sobre o outro.

2.2 - APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA – MONTANDO OS QUESTIONÁRIOS

Foram aplicados 20 questionários com 4 perguntas cada um, que levam a reflexão acerca dos estereótipos econômicos e raciais nas turmas de 9º ano do Colégio Thiago Terra, no União da Vitória, escolhi uma turma em especial por ser considerada bastante participativa e ter na sua maioria a idade correta para série, são alunos que deixaram hábitos da educação infantil e preparam-se para ingressar no ensino médio.

Com este questionário gostaria de observar como as crianças estabelecem a relação entre o negro e sua situação social, como eles se associam ou não a mesma condição apresentada. Neste sentido busquei constatar a formação cognitiva destas crianças tendo como foco de observação as questões sociais relacionadas a compreensão de fatos raciais e econômico associados.

É importante salientar que mesmo com a coleta dos dados deste questionário, ainda a fonte maior de entendimento dos fatos vem da prática docente realizada junto ao bairro conforme apresentei no inicio deste trabalho, portanto não se trata apenas da análise de uma única atividade, onde acredito apenas ilustrar o

quanto pode surgir de indícios de uma formação alienada que promovem a segregação dos negros e dos moradores do Bairro do Jd União da Vitória.

Na elaboração das questões busquei situações onde o aluno pudesse expressar sua compreensão sobre alguns fatos relacionados ao negro e uma condição econômica, apresentando a questão de modo mais aberto e menos direcional possível, onde o próprio entendimento do aluno conduziam suas respostas e este pudesse fazer as associações de modo livre de forma que eu conseguisse depois fazer uma análise de um mapa mental sobre este assunto.

Como apliquei a atividade e acompanhe a turma em suas dúvidas, o modo como formaram grupos e conversas durante a atividade, pude perceber de forma clara o raciocínio empregado a cada resposta, tendo maior subsídio de compreender o contexto das respostas.

2.3 - COLETANDO OS RESULTADOS – CONHECENDO A REALIDADE

Durante a aplicação da atividade como já foi dito pude observar o desenvolvimento por parte dos alunos no sentido de responder ao questionário, o que foi fundamental para que as respostas fizessem todo sentido.

O objetivo das atividades era traçar um perfil dos alunos acerca da aproximação do negro à pobreza e a condição desfavorável vivenciada pelas crianças do bairro do União da Vitória que lidam todos os dias com a segregação de suas famílias por conta da ocupação de um lugar marcado pelo crime e os estigmas sociais ocorridos pela cidade de Londrina.

Para dar início a atividade expliquei que se tratava de um trabalho de pesquisa e que gostaria de contar com a colaboração sincera de todos e que poderiam ficar livres para responder segundo a interpretação que julgassem a mais adequada. Acredito que por eu mesmo ser o professor deles pareceu uma atividade comum do dia a dia, portanto nada que os fizessem ter respostas diferentes das que geralmente me daria em um dia de aula qualquer.

Analisando questão a questão apresentamos primeiramente o modelo da questão e na sequência sua análise:

“Prezado aluno

Procure fazer as atividades seguindo o enunciado. O importante é participar, não se preocupe com coisas como se está bonito ou feio, ou certo ou errado, seja sincero em sua opinião. Desde já, obrigado pela sua participação!

1) Leia a história a seguir:

“Rosimeire é uma menina muito pobre e por isso sofre discriminação na escola onde estuda, falam de sua roupa, de seu cabelo, fazem piadas de mau gosto. Certo dia Mariana que estuda na mesma sala de Rosimeire organizou uma festa de aniversário, todos receberam convites, mas Rosimeire não recebeu o convite e ficou muito triste”.

(A) Escolha o desenho que melhor representa Rosimeire no momento em que ela está triste.



(B) Por que acha que o personagem que escolheu se encaixa melhor na descrição do ocorrido acima?

Análise da questão nº1, nesta questão foi apresentado uma situação onde ocorre um fato discriminatório e os alunos tem que escolher entre quatro personagens que eles acreditam combinar melhor com a situação, trata-se de adequar a aparência a um fato, os personagens foram desenhados de modo a apresentar diferenças raciais e manter semelhanças em seus acessórios.

O resultado numérico desta escolha ficou assim:

- 13 escolheram a menina negra como melhor representante para o fato de sofrer discriminação;
- 7 escolher a menina ruiva de óculos.

Observando a interação dos alunos no ato de suas escolhas alguns optaram pela garota ruiva como uma forma de não tocar no assunto relacionado ao racismo, senti que quiseram preservar de alguma forma amigos ou eles próprios ao lidar com a questão.

A maioria acaba por escolher a menina negra como o personagem principal da discriminação, fizeram a associação, uns conscientes, de que existe o racismo, mas houve quem optou pela personagem de um modo mais inconsciente como se a personagem só pudesse ser a negra, pois quando acham o cabelo dela “ruim” automaticamente só poderia ser aquela.

Essa pesquisa trás um resultado que só foi possível através da observação direta dos alunos, pois escutava suas conversas e conclusões em grupo.

Dos que escolheram a menina negra de forma “distraída”, destaco a seguinte justificativa da escolha: “Por que ela é negra, e negro sempre sofre discriminação e ela tem cabelo cheio e crespo”. Ou ainda: “Por que as pessoas discriminam mais gente negra, também por causa da performance das pessoas, eu acho que o nome combina mais com ela. Mais não quer dizer que não possa ser as outras personagens”. A fala distraída difere da fala consciente, pois as afirmações não vêm tão fundamentadas e acabam aparecendo os traços de pré-conceitos nos complementos da fala e não como o foco principal da resposta.

O aluno que trouxe uma resposta mais consciente acabou por trazer uma resposta um pouco mais coesa, ex: “Por que as pessoas discriminam munto as pessouas negras, e discriminam mais ainda quando ela é pobre”. O ainda: “Eu acho que só por que a pessoa é negra quer dizer que ela não merece nada, não isso ta errado a pessoa negra é igual a todas, não quer dizer só por que ela não tem a mesma cor de pele quer dizer que ela é diferente”.

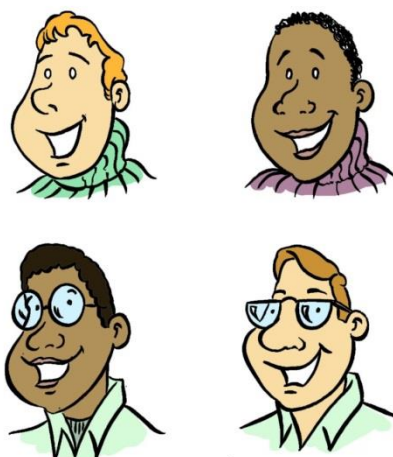
A questão 2 ficou assim:

2) Faça a associação da imagem do personagem a descrição de suas características.

A) Ele é um ótimo profissional, todos o procuram, pois sabe que é caprichoso em seu serviço. Ele é um carpinteiro muito honesto e trabalhador.

B) Ele é pouco visto, pois não gosta de frequentar qualquer ambiente, trabalha no hospital, três vezes por semana precisa ficar no plantão, ele é muito estudioso e inteligente.

Para você quem melhor representa visualmente estes personagens:



Deixe se quiser um comentário referente porque escolheu estes desenhos:

Análise da questão nº2

Na questão de numero 2 eles deveriam associar hábitos e profissões aos personagens, dentro desta linha tínhamos um personagem mais culto contra outro com características mais relacionadas ao trabalho manual.

Dos 20 entrevistados o resultado ficou assim:

- 10 associaram o negro ao trabalho de carpinteiro;
- 2 escolheu o negro como carpinteiro e também profissional da saúde;
- 2 escolheram o homem branco como carpinteiro e o negro como da área da saúde;
- 6 não responderam adequadamente a questão, fazendo um X ao invés de escreverem, ou ainda não escolheram os personagens;

A maioria acabou associando o negro a trabalhos mais manuais, sabendo que muitos dos nossos alunos trazem referencias familiares que ganham a vida com trabalhos assim, como pedreiros, serralheiros, motoristas, etc Foi interessante o fato de destacarem que caráter está desvinculado a uma condição social, “Por que a sociedade julga muito pela aparência e raramente se vê um negro trabalhando em hospital sendo que são capazes como qualquer um”.

Nesta questão obtive algumas justificativas que demonstram que está ocorrendo a conscientização por parte de alguns alunos, por exemplo esta justificativa:

“Somos acostumados em pensar que um advogado, por exemplo, é aquele branco intelectual de óculos. Temos que pensar que todos temos os mesmos direitos, e não por uma simples diferença devemos ser pior ou melhor que alguém”

No mesmo grupo temos respostas como esta:

“Por que ele se parece mais como carpinteiro e a maioria dos carpinteiros são morenos, tem muito médicos morenos, mais tem mais brancos”

A questão 3 nos apresenta:

3) Abaixo temos características dispersas, escolha as diferentes características de modo a formar dois personagens o mais diferente possível um do outro:

Ele é rico, ele é pobre, ele mora numa casa bacana, ele mora na favela, ele acorda cedo, ele acorda tarde, ele gosta de festa, ele prefere ler um livro, ele sabe tudo sobre selos, ele é brigão e invocado, ele é negro e alto, ele é branco com cabelos compridos, ele usa roupas coloridas, ele prefere roupas claras, é religioso, não gosta muito de igreja, tem dois filhos, tem quatro filhos. Seu carro é novo, seu carro é velho. Trabalha no banco, trabalha na feira.

Personagem (A)	Personagem (B)

Análise da questão nº3

Nesta questão era necessário dividir características de modo a formar pessoas diferentes entre si, sendo que o resultado sempre seria alguém rico e outro pobre, a única opção que poderia ser diferenciada era a etnia, pois num dado momento o aluno deveria optar em escolher as tais características e atribuí-las ou a uma pessoa negra, ou uma pessoa branca. O resultado foi que das 20 pessoas entrevistadas 18 associaram o negro como sendo o personagem com características relacionadas à pobreza, demonstrando o quanto é difícil romper com os estereótipos construídos socialmente através da colocação do bairro como sendo o lugar do negro e do pobre.

É fácil compreender que as crianças façam esta associação uma vez que comungam todo tempo de um ambiente onde ocorre o reforço por parte da mídia, que constantemente mostra essa relação do negro a pobreza, seja em programas como novelas ou telejornais, percebem e sofrem com atitudes racistas em seu cotidiano, muitas vezes reforçados pela própria família.

Quem teve a possibilidade de trabalhar de perto com esta realidade, sabe o peso da questão racial relacionada à situação de pobreza, estas crianças vivem num espaço onde seus amigos, em sua maioria negros e descendentes de negros compartilham da situação de pobreza, é isso que vivenciam no convívio diário e passam a associar quase que de modo natural a ideia de que o negro e o pobre estão intimamente relacionados.

No item 4:

4) hipoteticamente houve um grande terremoto que destruiu todas as casas das pessoas, cabe a você distribuir casas para os desabrigados e escolher a casa que melhor combina com o seu futuro morador, apenas ligue a pessoa a casa que gostaria que esta tivesse.



Análise da questão nº4

Nesta atividade a criança fica responsável por distribuir casas de acordo com seus critérios, aqui temos a formação de 2 grupos, achei muito interessante esta questão, pois a princípio as escolhas se apresentaram bastante equilibradas:

- 12 pessoas distribuíram a casa maior e mais bonita a uma pessoa negra e 8 pessoas distribuíram a casa maior a uma pessoa branca.

Nesta questão o foco está na justificativa das escolhas por parte dos alunos, pois quem distribuiu as casas melhores aos negros justificaram estar compensando a moradia precária na qual o negro estava fadado e que era merecido agora possuir algo melhor. O outro grupo, os que escolheram a casa maior para o branco simplesmente estavam querendo dizer como as coisas são, constataram como se fosse uma ordem natural.

A atividade acabou por desencadear um certo debate a respeito da sorte em que o negro está inserido, ficando um certo desconforto pelo próprio encerramento da atividade motivada pelo sinal de troca da aula.

Claro que ao fazermos tais atividades estamos trabalhando num plano bastante subjetivo, porém estando presente e observando o raciocínio do grupo e conhecendo a realidade local, consigo mensurar o quanto realmente a atividade demonstra o que eu continuamente tenho vivenciado em meu dia a dia como professor das crianças do Jd União da Vitória.

Embora percebo que eles possuem certo preparo em lidar com algumas situações de racismo, até mesmo por já não ser tanta novidade, e o colégio Thiago

Terra ter em sua grade curricular tal discussão. Percebo que, numa simples distração, as ordens sociais acabam por colocar a tona a ideia de que o pobre e o negro são os mesmos personagens.

Ainda que a escola tente minimizar estes reflexos sociais percebo que deveriam ter projetos mais efetivos no sentido de modificar esta realidade trabalhando para que as crianças fossem preservadas, a fim de promover uma efetiva mudança.

Como gerar exemplos positivos em uma comunidade marcada pela segregação? Como deixar os alunos competitivos em comparação com o resto da cidade se a luta diária extrapola os conteúdos escolares?

Os professores do Jd União da Vitória lidam com essas perguntas o tempo todo e acabam assim como eu estabelecendo uma prática docente que intercala conteúdos escolares com conteúdos educativos que muitas vezes falta no ambiente familiar. Levamos assim “do jeito que dá”, dia a dia, às vezes perdendo, às vezes vencendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de compreender a realidade da comunidade onde as escolas estão inseridas para pensar um plano de ação frente à necessidade deste grupo tem sido uma tarefa constante para qualquer professor. Tal tarefa, muitas vezes, ultrapassa o conhecimento inerente a disciplina de formação deste profissional, que se vê perdido entre lutas sociais, tendo muitas vezes o papel de mediar tornando uma luta consciente e necessária para transformação da sociedade como um todo.

No sentido de constatar uma problemática real neste campo de atuação, esta pesquisa tratou por averiguar o fato de haver crianças desacreditando de seu potencial, que embora pareça natural a criança sonhar, as inseridas nesta comunidade acabou-se tornando uma exceção muito preocupante.

A conformidade com que levam a vida e a pouca força de reação faz com que nós professores sintamos uma angustia muito grande ao perceber esta postura que faz com que haja continuidades do movimento de segregação do negro a manutenção do lugar como reduto de marginalizado, de pessoas de pouca sorte, taxados a terem empregos de menos prestígio e com salários sempre baixos em comparação ao resto da cidade.

A partir desta reflexão deveriam se buscar meios para promover a mudança desta realidade, é necessário criar projetos junto a comunidade, ações para geração de renda através de cursos profissionalizantes ou até mesmo cooperativas, que estimulem a autonomia das famílias, dando meios para que cada vez mais os moradores do bairro possam ingressar na vida universitária, tornando-se os exemplos que o bairro precisa para serem seguidos.

O presente trabalho de pesquisa pretende ser um mecanismo de conscientização no sentido de alertar para necessidade de promover mudanças de paradigmas de uma comunidade estereotipada que estabeleceu-se dentro de uma cultura que marginaliza e fragiliza seus integrantes.

O trabalho alerta para necessidade de romper com o movimento de continuidades deste processo para que possa ocorrer um futuro mais igualitário e feliz para os Moradores do bairro Jd União da Vitória., é preciso mostrar para essas crianças que uma cultura de estudo está além de um conforto financeiro, e que a

valorização do ser está na superação da subcultura produzida pela mídia e pela cultura de massa que bombardeia a juventude deste local.

Nas cidades “o dinheiro é a medida de tudo”, a competição substitui a ideia de ser solidário sendo a cada um o responsável a própria sorte, onde ocorre a falta de recursos e a imposição direta em ser um consumidor no lugar de cidadão a cultura “nativa” é substituída por uma cultura de massas num movimento de fora para dentro gerado pela influencia de mídias causando uma “despersonalização dos indivíduos formando uma sociedade alienada.(...) “Em lugar do cidadão surge o consumidor insatisfeito”. Esta mídia trata de bombardear estes consumidores com informações irrelevantes tratando pois de torna – los alienados das verdadeiras informações relevantes. (SANTOS p 30, 2007).

Segundo Forestan (1972), a inserção do negro recém-livre dentro de uma ordem social competitiva baseada na meritocracia, ocorre de forma aleatória sem que tivessem qualquer plano fazendo com que o despreparo do negro frente a modernidade capitalista e altamente competitiva fizesse com que estes encontrassem toda a dificuldade de ascensão ou integração social, acentuada ainda pelos preconceitos raciais constantes.

A situação com que os moradores do Jd. União da Vitória se colocam enquanto agentes da história também é marcada por uma formação social pautada no capitalismo crescente que segregou o negro em um espaço onde apenas quem não possuíam recursos financeiros acabou por ocupar, confirmando o quanto a inserção do negro na sociedade ocorreu de maneira aleatória e sem um planejamento que se arrasta até nossos dias.

São inúmeros os artigos e teses cuja temática se apresentam na mesma linha de pensamento que ajudaram a compreender a problemática que cerca a criança e as pessoas do Jd. União da Vitória, o que torna mais preocupante é o fato de que muito pouco se vê enquanto caminhos que possam minimizar o que já esta posto.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Víviam Carvalho de, * ARAÚJO, Rita de Cássia B. F. , SCHEFFER, Ana MORAES, Maria – **Discutindo aprendizagem e Desenvolvimento da Criança à Luz do referencial Histórico-Cultural**, trabalho de pesquisa realizado na Universidade Federal e Juiz de Fora, 2007**

DE LIMA, Verônica Maria Fernandes ; **Desenho Urbano: Uma análise de experiências brasileiras**, Recife, 2008; file:///C:/Users/Usuario/Downloads/arquivo2320_1.pdf pesquisado em 27/11/2015.

FERNANDES, Forestan; **O negro no mundo do Branco**, editora Difusão europeia, São Paulo, 1972.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação Das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC , 2008.

NOGUEIRA, Alessandra de Souza Ana Paula da Silva Evandro Dezotti Dantas Everton Yukita Dione Lolis (Orientadora). **Aspectos que contribuem para a morte violenta de jovens em londrina**
[http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/aspectos que contribuem para a morte violenta de jovens em londrina.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/aspectos_que_contribuem_para_a_morte_violenta_de_jovens_em_londrina.pdf) Acesso em: 13/08/2015.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Editora Nobel, São Paulo, 1987.

SOUZA, Alexsandro Eleotério Pereira de. **Sociabilidade e território: o cotidiano do negro em Londrina-PR.36º encontro dos anpocs**, Aguas do Lindóia –SP, 2012.*

E SILVA, Alice Aparecida, **A Organização Popular do Jardim União da Vitória e sua relação com a educação**, Londrina, 1998.

PANTA Maria Nilza da Silva, Mariana (orgs.) – **O “lugar” da população negra na cidade** – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

PEREIRA, M. E. (2002). **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo, SP: EPU.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200013
Acesso em: 15/07/2015.

MAUSS, Marcel - **“As técnicas do Corpo”**. in : **Sociologia e antropologia**, São Paulo Cosac e Naify 2003 . Disponível em:
http://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf . Acesso em: 09/09/2015.

SILVA, Maria Nilsa, **Revista espaço acadêmico, numero 82** – março de 2008
<http://www.espacoacademico.com.br/082/82silva.htm> acesso em 6/11/2015